



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CERRO LARGO- RS  
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – LICENCIATURA**

**MARGIÉLI PASINI**

**O ENVELHECIMENTO PELAS LENTES DOS FILMES COMERCIAIS: UMA  
ANÁLISE DO FILME “UMA CANÇÃO PARA MARION”**

**CERRO LARGO**

**2016**

**MARGIÉLI PASINI**

**O ENVELHECIMENTO PELAS LENTES DOS FILMES COMERCIAIS: UMA  
ANÁLISE DO FILME “UMA CANÇÃO PARA MARION”**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado  
como requisito para obtenção de grau de licenciada em  
Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Profª. Dr. Erica do Espírito Santo Hermel

**CERRO LARGO**

**2016**

MARGIÉLI PASINI

**O ENVELHECIMENTO PELAS LENTES DO CINEMA: UMA ANÁLISE DO FILME  
" UMA CANÇÃO PARA MARION" SOBRE O ENVELHECER**

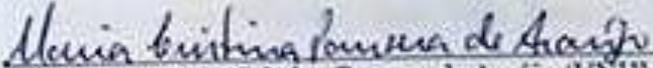
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Erica do Espírito Santo Hermel

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 29/11/2016

BANCA EXAMINADORA

  
Profa. Dra. Erica do Espírito Santo Hermel (UFFS)

  
Profa. Dra. Maria Cristina Pansera de Araújo (UNIJUI)

  
Prof. Dr. Roque Ismael da Costa Göllich (UFFS)

**DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação**

Pasini, Margiéli

O ENVELHECIMENTO PELAS LENTES DOS FILMES COMERCIAIS:  
UMA ANÁLISE DO FILME "UMA CANÇÃO PARA MARION" / Margiéli  
Pasini. -- 2016.

29 f.

Orientadora: Erica do Espírito Santo Hermel.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Ciências  
Biológicas Licenciatura , Cerro Largo, RS, 2016.

1. Envelhecimento. 2. Ensino. 3. Filmes. 4.  
Ferramenta Didática. I. Hermel, Erica do Espírito Santo,  
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.  
Título.

## RESUMO

O envelhecimento da população tem se tornado um fenômeno mundial. Nesse movimento, compreender o processo do envelhecer torna-se importante para a formação dos futuros velhos, e esta nova realidade impõe a necessidade de uma maior reflexão quanto às ferramentas de ensino para aulas de Ciências e Biologia no que tange as questões de Educação em Saúde. Esse é o contexto do qual parte a realização deste trabalho, cujo encaminhamento metodológico ocorreu a partir da análise de conteúdo do filme “Canção Para Marion”, para verificar quais representações de velhice são apresentadas por essa mídia. Com a Análise de Conteúdo, delimitou-se o *corpus* da pesquisa, assim como as categorias: i) as múltiplas faces do envelhecimento: solidão, perdas e descobertas e ii) questões de gênero: representação da mulher idosa nos filmes. Percebemos que o filme se apresenta como uma ferramenta que possibilita trabalhar no Ensino de Ciências e Biologia com temas como o envelhecimento, a morte, bem como questões de gênero na velhice, por se capaz de mexer com as emoções e percepções dos sujeitos.

Palavras-chaves: Envelhecimento. Ensino. Filmes. Ferramenta didática.

## ABSTRACT

The ageing of the population has become a worldwide phenomenon. In this situation, understanding the process of aging becomes important for the formation of the future elderly, this new reality imposes the need of a greater reflexion on the teaching tools applied to Science and Biology classes in what concerns the issues of Health Education. The methodological referral occurred from the analysis content of the movie "Song for Marion" to verify the elderly people portray that are presented by this media. The corpus was delimited by analysing the content of the media, as well as the categories: i) the multiple faces of aging: loneliness, losses and discoveries ii) gender matters: old women representation in movies. We realized that the movie presents itself as a tool that makes it possible to work in Science and Biology teaching along with subjects, such as aging, death and gender matters, being able to deal with emotions and human being perceptions.

Key words: aging, teaching, movies, didactic tools

## SUMÁRIO

RESUMO .....	4
1 INTRODUÇÃO.....	7
2 O ENVELHECER .....	9
3 A HISTÓRIA DO CINEMA E O USO DOS FILMES COMO FERRAMENTA DE ENSINO .....	12
4 METODOLOGIA.....	15
5 FICHA TÉCNICA E SINOPSE .....	15
6 AS MÚLTIPLAS FACES DO ENVELHECIMENTO: SOLIDÃO, PERDAS E DESCOBERTAS.....	17
7 QUESTÕES DE GÊNERO: REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS FILMES ....	21
8 DISCUSSÕES FINAIS .....	24
9 REFERÊNCIAS .....	26

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir de inquietudes incitadas pelo filme “Canção Para Marion” (EUA, 2014). Essas nos levaram a questionar quais seriam nossas visões sobre envelhecimento e nos influenciaram a refletir sobre as possíveis representações que o cinema apresenta sobre a temática.

Tótorá (2009) diz que escrevemos um texto quando somos provocados por uma ideia. E uma ideia é aquilo que nos desestabiliza, nos arranca de nossa inércia de exprimir repetindo clichês e lugares comuns. Nesse sentido buscamos pesquisar, compreender e refletir os entendimentos sobre a velhice que o filme comercial apresenta, aliando essa ferramenta ao ensino de Ciências e Biologia no intuito de motivar os alunos a discutir sobre o tema.

A visão do envelhecer solitário, doente e triste apresentada pelo personagem Arthur (Terence Stamp) instiga a (re)pensar as concepções de envelhecimento existentes. O social facilmente estabelece clichês que vão da velhice triste e frágil até a velhice saudável, com qualidade de vida, e parecem estar delimitadas por regras que são impostas pelo senso comum. Percebemos que pensar o processo de envelhecimento como um fator social e cultural é necessário, pois a compreensão das diferentes representações do envelhecer presentes no imaginário das crianças e jovens pode auxiliar na busca de subsídios para discutir o envelhecimento nas aulas de Ciências e Biologia. Nesse movimento, é possível formar professores que compreendam a importância de discutir o envelhecer e as necessidades individuais dos alunos, sendo capazes de orientar desde muito cedo os futuros velhos.

De acordo com Nery e Maldaner (2014), a educação é mais amplo do que um processo bem-sucedido de ensino e aprendizagem. E, por acreditarmos nessa amplitude e nas discussões sobre o uso de ferramentas didáticas que motivem, encantem e provoquem a reflexão, é que concordamos com Moran (2007) quando diz que o cinema proporciona o palpável. E Napolitano (2013) afirma que o cinema mescla o lúdico e o real, dando forma a um instrumento de ensino que é capaz de desenvolver o imaginário, aproximar conteúdos, motivando a discussão e o interesse dos alunos para as aulas.

Segundo Aumont (1995), o filme se estabelece como lugar de encontro do cinema com outros elementos que não são propriamente cinematográficos: o econômico, o

sociológico, o mercadológico, o cultural. O cinema define-se não só como produção estética, mas como prática de consumo e como instituição (re)produtora de narrativas culturais e dos sistemas de representação social, constituindo um “espaço imaginário” onde o público projeta seus desejos, aspirações, receios, necessidades; onde o espectador se vê e se reelabora. Acreditamos ser possível utilizar-se do cinema como ferramenta metodológica, uma vez que as imagens fazem parte do cotidiano do cidadão, sendo que essas formam opiniões, lançam modas e provocam reflexões daquilo que somos e do que queremos ser.

E ser velho em uma sociedade onde o corpo, além de um capital físico, é também um capital simbólico, um capital econômico e um capital social, (GOLDENBERG, 2011) provoca nos jovens a visão de um velho dependente, incapaz e infeliz, pois no Brasil, particularmente no Rio de Janeiro, o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido (GOLDENBERG; RAMOS, 2002).

Esse corpo “decentemente vestido” está representado na maioria dos filmes comerciais. De acordo com Mendonça (2012), eles apresentam e difundem ideias, imagens e representações de uma visão de mundo que indica as maneiras adequadas de se comportar, de viver, a noção do correto e do impróprio, as expectativas que se podem ter, a diferença entre o possível e o utópico, enfim, atuam, ao lado de outras instâncias, como importantes construtores das subjetividades. E, como os filmes são capazes de formar opiniões, caracterizam também o envelhecer, mas de que forma?

Com isso, o presente trabalho de conclusão de curso buscou discutir e ampliar as visões de envelhecimento, apresentar a história do cinema e a importância do uso dessa ferramenta didática nas aulas de Ciências e Biologia, analisar as representações de envelhecimento/envelhecer e da mulher idosa apresentadas pelo filme “Uma Canção Marion” (EUA, 2014) e, posteriormente, desenvolver as categorias válidas, de acordo com Bardin (2011), para a discussão.

## 2 O ENVELHECER

*Todos nasceram velhos — desconfio.  
Em casas mais velhas que a velhice (...).*  
(Trecho do poema “Os Velhos” de Carlos Drummond de Andrade)

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1984), o envelhecimento da população tem-se tornado um fenômeno mundial, que atinge tanto os países desenvolvidos quanto os países em desenvolvimento. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano de 2000 a 2015 houve um aumento expressivo do número de velhos no Brasil, mas principalmente, uma diminuição na taxa de natalidade. A partir da estabilidade desses dados, é possível imaginar um parâmetro para os próximos anos: a população se tornará mais velha e o número de crianças e adolescentes diminuirá.

Diante desse contexto e da complexidade que envolve o processo de envelhecimento humano, observamos um novo momento cultural de nossa sociedade, em que o jovem se torna ator principal. De acordo com Mendonça e Senta (2011, p. 71), “no Brasil ainda é comum se denominar o país como um “País jovem” e, em uma cultura que reverencia a juventude e o novo como virtudes em si mesmas, envelhecer parece caminhar na contramão da sensatez”.

Para a Ciência, o envelhecer é um processo biológico ‘strictu sensu’ e natural de todas as espécies, que se inicia já no desenvolvimento embrionário (NETO; CUNHA, 2002). Mas, ao lançarmos um olhar mais aprofundado, percebemos que essa denominação biológica “não quer dizer que não se tenha em conta o indivíduo como fator epistemológico” (FLECK, 1986, apud SCHEID et al. 2005, p. 229), pois este sofre interferência do meio natural que o cerca, portanto o envelhecer é um acontecimento multifatorial, individual e heterogêneo.

Nesse sentido, acreditamos que o processo de envelhecimento também parte de um pressuposto cultural, o que remete à reflexão sobre alguns questionamentos: quais são nossas visões de envelhecimento? Estamos preparados para vivenciar o envelhecer? Pensar o processo de envelhecimento como um fator social e cultural é necessário. Lodovici (2006, p. 16) coloca que

[...] o idoso sempre existiu identificado como o avozinho querido na sua função acolhedora aos mais novos, com laços afetivos bastante sólidos entre ambos, a

despeito do progressivo afrouxamento dos laços afetivos sociais e das inúmeras perdas advindas do envelhecimento.

Nessa perspectiva de velho amável e querido, passamos a desenvolver uma ideia de velhice incapaz, em que o envelhecer era sinal de bondade, mas também de incapacidade. Lodovici (2006, p.16) também afirma que

[...] durante algumas décadas, o idoso foi reduzido a um ser sem voz e de opinião sem muita importância, visto como um ser de ideias ultrapassadas, justamente pela precedência etária e pelo fato de estar, via de regra, fora do mercado de trabalho e dos avanços científicos e tecnológicos; reserva-se, assim, um lugar triste ao idoso, despojado de sua condição de sujeito, sendo criada uma imagem negativa e equivocada de velhice.

De acordo com Tótora (2009), a velhice na cultura do ocidente vem sendo tratada como um problema não apenas de reflexões teóricas, mas também gerou distintas formas de intervenção e soluções de saberes especializados. O envelhecimento tem sido visto como algo negativo, inclusive no âmbito político, pois se gasta mais com o velho do que se arrecadou. Nesse sentido, torna-se necessário conhecer e compreender o processo do envelhecer, para (re)pensá-lo junto com os mais jovens, não o considerando como um problema, mas, sim, como uma fase da vida do ser humano.

Pinheiro Júnior (2005) discute o momento exato do “ser velho”, questionando se há uma linha tênue entre a jovialidade e o envelhecimento. Para OMS, pessoas com 60 anos de idade caracterizam-se como idosas, e para as Nações Unidas (ONU), considera-se velhos pessoas com 60 anos de idade nos países em desenvolvimento e com 65 anos de idade nos países desenvolvidos. Da mesma forma que o Estatuto do Idoso que considera idosos pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Pinheiro Júnior cita que (2005, p. 06) “boa parte das representações sociais sobre os idosos é fruto de uma atuação da imprensa, que trata de fomentar a formação de opinião pública sobre esta realidade”.

Ainda no que tange a mulher idosa observamos que há séculos a mulher idosa vem sendo tratada pelas representações das mídias como à senhora boa que cuida da família e da casa. Das mulheres idosas se espera que sejam femininas, de acordo com Goldenberg (2011), “sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas”. Ainda, de acordo com a autora, ser magra contribui para essa ideia, sendo assim, as mulheres são obrigadas a experimentar constantemente a distância entre o corpo real a que estão presas, e o corpo ideal, o qual procuram alcançar.

Desta forma, essa linha divisória entre juventude e velhice foi formada pelos órgãos públicos, reforçada pelas mídias e aceita pela população. De acordo com Tótora

(2008, p. 23), “o sujeito velho é, pois, uma produção das relações de poder e de saberes que marcam seus corpos e gestam sua subjetividade.” Nesse contexto, surge o cinema como um instrumento com potencial para discutir o envelhecimento, o envelhecer e o velho nas salas de aula de Ciências e Biologia.

### 3 A HISTÓRIA DO CINEMA E O USO DOS FILMES COMO FERRAMENTA DE ENSINO

O cinema, desde o Manifesto das Sete Artes, em 1912, estabelecido por Ricciotto Canudo, é conhecido como a sétima arte. Há muito tempo vem encantando, inspirando e despertando emoções em um curto espaço de tempo, exercendo influência cultural no mundo e nas salas de aulas. Segundo Barca (2005), no século XVIII, o alemão Athanasius Kircher inventou a lanterna mágica – uma caixa composta de uma fonte de luz e lentes que enviavam imagens fixas para a tela – invento considerado o verdadeiro precursor do cinema. Iniciou ali o primeiro passo que marcou o início da caminhada para uma nova era de descobertas possibilitadas pelo cinema.

O marco principal dessa jornada ocorreu no Grand Café, na França, em 28 de dezembro de 1895, quando os conhecidos irmãos Luis e Augusto Lumière proporcionaram à população a primeira apresentação de um filme em que foram projetadas duas pequenas filmagens com cerca de um minuto cada, mas que causaram um verdadeiro alarme nos presentes.

Sabe-se que os irmãos Lumière não foram os primeiros a exibirem um filme, pois em 1º de novembro de 1825 os irmãos Max e Emil Skladanowsky fizeram uma exibição de 15 minutos do bioscópio, seu sistema de projeção de filmes, num grande teatro de Vaudeville Berlim (COSTA *apud* MASCARELLO, 2006, p.19). Costa (2006, p. 18) explica que

[...] não existiu um único descobridor do cinema, e os aparatos que a invenção envolve não surgiram repentinamente num único lugar. Uma conjunção de circunstâncias técnicas aconteceu quando, no final do século XIX, vários inventores passaram a mostrar os resultados de suas pesquisas na busca da projeção de imagens em movimento.

Com a Primeira Guerra Mundial, a produção dos filmes ganhou força nos Estados Unidos, principalmente Hollywood, que se torna o centro de estúdios que conseguiram verbas milionárias com publicidade, popularizando o cinema e garantindo que esse fosse distribuído mundialmente. No século XX, em que “um novo contexto social se torna vigente, o expressionismo tomou conta das artes onde as cores extáticas e as distorções emotivas das formas ressaltavam a projeção das experiências interiores dos artistas para o espectador” (DENVIR, 1977, p.4), o cinema tornou-se mais sofisticado e tecnológico, conquistando o público.

Para Oliveira (2006, p. 134), “a vivacidade das imagens e sua reprodutibilidade facilitaram sua aceitação como pura representação da realidade”, e os filmes passaram a ser um realizador de sonhos, proporcionando à população a visualização de costumes, da moda, das mudanças mundiais, e isso fez deles um formador de opiniões. Nessa perspectiva, o cinema pode ser uma ferramenta de ensino nas salas de aula, pois possibilita a discussão de temas conceituais e cotidianos por meio de suas narrativas. O aluno torna-se autor do conhecimento ao refletir e discutir, dessa forma surgem novas formas de vivenciar a sala de aula, proporcionando mudanças na aprendizagem. Citamos que

[...] a utilização do cinema oportuniza ao aluno entender os conteúdos ou fenômenos que, apenas explicados pelo professor, seriam mais difíceis de compreender. O que se percebe, no trabalho com o filme em sala de aula, é que o cinema aproxima o estudante do cotidiano e de novas linguagens e o transporta para outros mundos. Nessa troca, acaba (re) conhecendo personagens que antes eram encontrados apenas nos livros e nas explicações do professor. Os filmes também possibilitam situações impossíveis como, por exemplo, nos filmes de ficção científica. E, diante de tantas possibilidades e do momento tecnológico vivenciado, pensar a utilização do cinema em sala de aula, principalmente nas disciplinas de Ciências/Biologia como um instrumento de apoio ao ensino e complemento de aprendizagem, é voltar-se ao trabalho com a ampliação da visão de mundo e a visibilidade da ciência (SANTOS; SCHEID, 2014, p. 36).

Napolitano (2005) entende que o cinema tem sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar, pois os filmes possibilitam visualizar um contexto real, vivenciado no cotidiano daqueles que lhes assistem, mas também podem possibilitar uma abordagem além das experiências cotidianas, sem negá-las (NAPOLITANO, 2013). O professor deve “propor aos alunos leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem” (NAPOLITANO, 2013, p.15).

Nesse movimento, o (re)conhecimento dos filmes como uma ferramenta de ensino possibilita ao professor pensar sua prática, uma vez que o tira de sua zona de conforto e o instiga também a refletir sobre as imagens, sons e animações. Permite vivenciar outras formas de ver e pensar, por exemplo, o ensino de Ciências e Biologia, incluindo nesse contexto o envelhecimento. Ressaltamos que o uso dos filmes no ensino requer planejamento: conhecimento da obra, preparação de sinopses e encaminhamento da discussão. Caso contrário, o cinema no ensino refletirá sua atual fama: “tapa buraco”. Assim, Mesquita e Soares (2008, p.49) ressaltam a importância do papel do professor, visto que “é ele que deve conduzir, com destreza e competência, o processo de

aproximar a realidade da sala de aula à realidade do aluno, com o objetivo de tornar significativa a aprendizagem de conteúdos”.

Por isso, é pertinente averiguar como filmes comerciais, em especial “Uma canção para Marion”, apresentam aos espectadores o tema envelhecimento em sua narrativa, e, enquanto instrumento de leitura e compreensão, o papel que podem desempenhar no estímulo à discussão e reflexão desse assunto em sala de aula.

## 4 METODOLOGIA

Esse trabalho consiste em uma pesquisa na área de Educação, com recorte em Educação em Ciências, sobre o tema envelhecimento. O *corpus* de análise foi o filme comercial “Uma Canção para Marion” (EUA, 2013), o qual foi assistido inúmeras vezes para observar quais visões de envelhecimento eram apresentadas por essa mídia.

Primeiramente, buscamos, por meio dos referenciais teóricos Tótora (2009); Goldenberg (2011); Mendonça e Senta (2011) e Goldenberg e Ramos (2002), discutir as visões de envelhecimento e de o que é ser velho na sociedade. Em um segundo momento, buscamos o histórico e o potencial do cinema com base em Aumont (1995); Barca (2005); Costa (2006); Kenski (2005); Napolitano (2005); Oliveira (2006); Mesquita e Soares (2008); Santos e Scheid (2014).

Para realização da análise (terceiro momento), foi utilizada a Análise de Conteúdo de Bardin (2011), que se foca nas mensagens (comunicações), buscando a *categorização*, que é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. Portanto, são classes as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado por razão das características em comum desses elementos.

Percebemos que a Análise de Conteúdo foi uma importante ferramenta nessa pesquisa, uma vez que possibilitou a delimitação do *corpus* e auxiliou na criação das categorias válidas: i) as múltiplas faces do envelhecimento: solidão, perdas e descobertas e ii) questões de gênero: representação da mulher idosa nos filmes.

## FICHA TÉCNICA E SINOPSE

**Data de lançamento:** 4 de dezembro de 2014.

**Direção:** Paul Andrew Williams.

**Gênero:** Comédia Dramática.

**Nacionalidade:** EUA

Arthur é mal humorado, rabugento e de poucos amigos. Sua esposa, Marion, apesar de ser doente terminal, é o oposto: está sempre bem humorada, de bem com a vida e cercada de amigos que a adoram. Ele e o filho têm problemas de comunicação, o que preocupa a esposa, que tenta aproximá-los antes de partir. Marion faz parte de um coro que é pouco convencional, o marido discorda de sua participação, pois o considera como ameaça à sua saúde.



## 6 AS MÚLTIPLAS FACES DO ENVELHECIMENTO: SOLIDÃO, PERDAS E DESCOBERTAS

Ao narrar às histórias do personagem Arthur (Terrence Stamp), um velho ranzinza que, entre um cigarro e outro, demonstra seu amor pela mulher com quem vive, Marion (Vanessa Redgrave), em uma casa simples num bairro afastado do grande centro da cidade, nos propomos, nessa categoria, compreender as representações do envelhecimento e suas múltiplas faces: solidão, perdas, infelicidade e (re)descobertas.

Desde as primeiras cenas, percebemos que Marion possuiu uma doença avançada e sua alegria nesse momento difícil encontra-se no coral da cidade, onde possui um grupo de amigos idosos e carismáticos. Entretanto, seu marido Arthur não compreende essa paixão pelo canto e encara as saídas de Marion como um agravante para sua doença. Mesmo assim, espera-a todas às vezes na saída do coral, levando-a com sua cadeira de rodas e ajustando seu lenço para que ela fique confortável e aquecida, momentos de repleta demonstração de amor. Com a passagem das cenas, o estado de saúde de Marion se agrava. Após nova internação, a médica oncologista (Calita Rainford) informa ao casal que o câncer contra o qual estava lutando havia retornado e ela teria que escolher entre uma quimioterapia agressiva para prolongar sua vida ou, de acordo com a médica: “*batatas fritas e sorvete*”<sup>1</sup>.

Nessa cena, percebemos uma atitude humanizada da médica com sua paciente, ao lhe aconselhar passar seus últimos dias ao lado dos familiares e fazendo coisas que lhe dão prazer, e assim Marion curva-se sobre Arthur e sussurra que adora sorvete. Cicely Saunders (1991), em seu trabalho, trouxe novos horizontes para essa questão, desenvolvendo o movimento dos cuidados paliativos que estão extremamente conectados à (re)humanização do processo de morrer, (re)pensando e dando voz ao paciente na escolha do seu tratamento e enfatizando a importância dos cuidados físicos, mas também do sofrimento psíquico e espiritual que a doença provoca.

Nesse movimento entre a busca pela felicidade de Marion e a certeza de sua partida breve, Arthur sente-se sozinho, isolado e infeliz. Em uma das cenas, enquanto Marion encontrava-se hospitalizada, ele coloca uma bolsa de água quente no lado da cama em que sua esposa dorme, dando-lhe a segurança para dormir sozinho. O medo da

---

<sup>1</sup> Optamos em colocar as frases dos personagens do filme em itálico.

perda e o amor, mesmo que velado, pela sua família aparece em uma cena emocionante, quando Marion encontra-se no quarto muito frágil e na cozinha está o único filho do casal, James (Christopher Eccleston), que brinca aos risos com sua filha. Arthur fica paralisado no corredor, indeciso entre a felicidade da neta e a solidão ao lado da esposa adormecida, e nesse momento ele escolhe permanecer no quarto, em silêncio, pois de acordo com ele “*os velhos não tem mais nada*”, reforçando a ideia de envelhecimento incapaz.

Quando sua esposa morre durante a noite ao seu lado na cama, Arthur se desespera, avisa seu filho, tranca-se no quarto e grita desesperadamente. James sem ter o que fazer senta-se ao lado da porta e aguarda. Durante o velório, enquanto todos estão na sala e uma das amigas do Coral de Marion canta, Arthur isola-se no quarto ao lado da cama agora vazia. Por fim, ele encontra-se em casa, sozinho e sem seu amor. A solidão é o estado de quem se sente só, traduz isolamento (FERNANDES; LUFT; GUIMARÃES, 2000). Ele, que não possui uma boa relação com o filho, prefere se afastar dizendo “*acho que seria mais fácil para nós dois se não nos víssemos, isso é o que eu quero e esse é o fim de tudo*”.

O filme apresenta essa fase de isolamento e solidão de Arthur após a perda da esposa a partir dos elementos som e cores, pois as imagens, que antes eram compostas por cores mais vibrantes, tornam-se escuras, e a música que passeava pelo rock, rap e pop cantado pelo coral, passa a ser instrumental e assume um tom melancólico. O sofá da sala, que era o ponto de encontro do casal, como podemos observar em um excerto da fala de Marion: “*Quero ir para casa com você, sentar-me no sofá*”, tornou-se o refúgio para Arthur que, com a partida da esposa, passou a dormir na sala. Nesse momento, refletimos que o personagem passa a vivenciar seu luto. Arraes e Viana (2007) explicam a dimensão da dor do luto como a dor de ter de, em certa medida, “desamar” o objeto perdido e “amar” outros objetos, de ter de abandonar uma posição libidinal e criar uma outra.

E sabendo que a solidão interfere na qualidade de vida da pessoa, que se priva do convívio, empobrecendo o conhecimento adquirido no contato social e afetando as atividades de vida diária (PAPALÉO NETTO, 2002; LITVOC; BRITO, 2004), é que propomos também refletir sobre esse assunto. É possível, a partir das cenas de filmes como “Canção para Marion”, “Através da Janela” (BRA, 2000) e “E se Vivêssemos

todos Juntos?” (FRA, 2012), que versam sobre temas delicados como: solidão, sexualidade, família e morte, pensar o trabalho com os alunos no ensino de conteúdos curriculares não apenas de Ciências e Biologia, mas de outras áreas, discutindo tais temas e questões que envolvam a saúde, física e também mental, pois, de acordo com Goldfarb (1998) e Pereira (2008), os fatores sociais e psicológicos estão diretamente ligados a doenças como a depressão.

A representação de envelhecimento como um problema está explícita em Arthur, que, na maior parte das cenas, encontra-se reclamando de algo, “*you know how I feel about enjoying things*” diz ele para o filho, fazendo questão de se isolar, pois após uma seletiva para o concurso nacional que o coral participou, James e sua filha correm ao encontro de Marion para parabenizá-la, e Arthur levanta e sai em silêncio. Ele também exibe seu mau humor quando contrariado, como foi o caso de quando Marion retornou do hospital, ainda debilitada, e quis sair de casa para ver seus amigos do coral que foram lhe fazer uma surpresa na janela de casa, o que causou um surto de raiva em Arthur.

Para Santos e Araújo (2016, p. 4), “o envelhecimento ocorre com todos os seres vivos, e suas manifestações dependem do modo de vida de cada sujeito, e determinar o momento que esse processo inicia é muito variável, pois esse é decorrente de múltiplos fatores”. Dessa maneira, trabalhar o envelhecimento com as crianças e jovens requer uma série de abordagens, sendo uma delas a compreensão de que a velhice, como outras fases da vida, tem suas problemáticas: físicas, psíquicas e sentimentais, mas que também é uma fase de reconhecimento, de novas vivências e possibilidades.

Nesse sentido, Goldenberg (2008, p.83) relata que “a frase ‘hoje eu posso ser eu mesma pela primeira vez na minha vida’ foi repetida por muitas brasileiras que percebem o envelhecimento como uma redescoberta, altamente valorizada (...)”. E Arthur vivencia isso, quando se vê desafiado a retribuir a canção para Marion em meio a um teatro lotado, ao lado da professora de canto, Elizabeth (Gemma Arterton) e dos companheiros de coral, que se tornaram seus novos amigos.

Ele se redescobre, convida seu filho, sua neta e com o apoio deles fecha seus olhos e canta “*Goodnight, My Angel*” (Billy Joel), conquistando o terceiro lugar na

competição<sup>2</sup> tão sonhada por Marion. Um dos aspectos que podemos destacar nesse filme é que “o afeto e o amor são sentimentos importantes nas relações humanas” (SANTOS; ARAÚJO, 2016, p. 7), pois, nesse movimento de redescoberta da vida, Arthur compreende e aceita a partida da esposa, e as cenas no filme a partir desse momento tomam cores mais alegres, seu antigo companheiro, o sofá, passa a ser mais um móvel na sala e ele retorna para sua cama com o perdão de seu filho, o amor de sua neta e a amizade dos novos amigos do coral.

---

<sup>2</sup> Oitavo festival do Coro Internacional da Canção Shadow.

## 7 QUESTÕES DE GÊNERO: REPRESENTAÇÃO DA MULHER IDOSA NO FILME

Sabendo que as midiáticas cinematográficas são formadoras de opinião, criam situações e provocam discussões, observamos que no filme “Uma Canção para Marion” algumas imagens referentes ao papel da mulher na sociedade foram reforçadas, sendo que, durante a passagem das cenas, Arthur tem uma vida que se divide entre sua casa, o bar com os amigos, bebida, jogos de dominó, cigarros e sua amada Marion. “*Quinta é dia de sair com os rapazes*”, diz ele ao seu filho James, quando este pede o motivo pelo qual Arthur não poderá levar sua mãe ao ensaio. Marion é a representação da senhora simpática, caridosa, que vai ao coral e faz seu papel de esposa, mãe e avó. Nesse sentido, a presente categoria abordará o processo de envelhecimento da mulher e as implicações disso na sociedade.

A mulher idosa ainda é vista por diversas representações fílmicas como a dona de casa que vive em prol da família. Durante as cenas do filme, observamos o amor e devoção de Marion pelo seu marido, filho e neta. Com a descoberta do retorno do câncer e a certeza da partida breve, ela pede para que Arthur, apesar das divergências, cuide do seu filho. Em outro momento, Marion se encontra com James a quem também pede para que cuide do pai. Ela demonstra a preocupação com o bem-estar de sua família, antes do próprio, tentando manter os laços de afetividade. De acordo com Camarano (2003, p.35),

[...] o cuidado com membros dependentes da família é determinado pelas trocas intergeracionais e um assunto com fortes características de gênero. Em geral, são as mulheres as mais dependentes de cuidado e as tradicionais “cuidadoras”. Cuidar de netos é, em geral, visto como uma extensão do trabalho doméstico feminino.

Difícilmente encontramos discursos que retratam o envelhecer como uma fase de desejos e sonhos que podem ser alcançados pelas mulheres idosas. Percebemos isso quando Elizabeth apresenta ao grupo de idosos do coral a música que será a porta de entrada deles para o concurso nacional: “Let’s talk about sexy” (Salt-N-Pepa), que em tradução para o português significa “Vamos falar sobre sexo”, o grupo fica apavorado e a professora envergonhada diz “*é tudo sobre sexo*”. Nessa cena duas senhoras conversam “*Por que não deveríamos estar falando sobre isso? Ou cantar sobre isso?*” e a outra “*Melhor do que só pensar nisso*”. No excerto da fala delas, identifica-se que a sexualidade feminina ainda está presente em seu imaginário e não pode ser vista como um tabu para a sociedade. Outra cena, evidencia a visão assexuada da população sobre a

sexualidade dos idosos, é aquela em que dois meninos que brincavam no lado de fora da sala onde o grupo ensaiava escuta o coro da música (Let's talk about sexy) entoado pelo grupo de idosos e se olham com expressões de surpresa.

Entendendo que a sexualidade está presente no cotidiano das mulheres idosas, é preciso compreender que, durante o envelhecimento, o corpo passa a sofrer transformações, e, em uma sociedade onde a valorização do corpo é um marco histórico, a sensação de incapacidade e pressão estética também surge. Alguns autores como Sibilia (2011), Goldenberg (2010) e Blessmann (2004) afirmam que estamos em uma época em que o corpo idealizado, como elemento fundamental na composição da aparência, é bastante valorizado, tornando-se um capital padronizado e universal: jovem, magro, saudável e sexy, conquistado por meio de muito investimento, trabalho e sacrifícios.

Relacionando o envelhecer do corpo com as representações das mídias, citamos Mendonça e Senta (2011, p.71), que dizem que os “chamamentos midiáticos e estéticos reforçam essa valorização de uma sociedade jovem e de um corpo como capital e, portanto, para a mulher comum, a relação entre representação e construção de auto-imagem positiva pode ser muito mais difícil.” Mendonça e Senta (2011, p.71) relatam que ao homem de “meia idade” são atribuídos valores desvinculados de sua imagem física, tais como maturidade, charme, poder, sucesso financeiro. Da mulher espera-se, ao contrário, que seja sempre jovem bela e sedutora. E ainda, pelo que ocorre no filme quando a Elizabeth perde “*o cara com quem se encontra às vezes*” em função da sua falta de tempo, é possível retomar a ideia de que a mulher se torna “cuidadora” daqueles que a cercam, tendo que dedicar o seu tempo ao namorado/marido/parceiro.

Refletimos então que, além de todo pré-conceito existente no que se refere ao corpo, à incapacidade e impotência do envelhecer, ainda há as questões de gênero, pois a valorização da mulher acontece pela beleza, “no feminino a sedução se apoia essencialmente na aparência e nas estratégias de valorização estética” (LIPOVETSKY 2000, p.63). E assim,

[...] para “adquirir” este corpo é colocado à disposição das mulheres um imenso arsenal médico-farmacêutico-químico e de práticas físicas destinadas a educá-lo, reprimi-lo, transformá-lo, rejuvenescê-lo de maneira a (tentar) enquadrá-lo nos padrões estéticos atuais. Magreza e juventude se unem como ideais de beleza e projetos de vida. (MENDONÇA; SENTA, 2011, p.5)

Goldenberg (2011, p. 80), coloca que

[...] no caso brasileiro, as mulheres mais bem sucedidas e “imitáveis”, as mulheres de prestígio são atualmente: as atrizes, as modelos, as cantoras e as apresentadoras de televisão. Todas elas tendo o corpo como o seu principal capital, ou uma de suas mais importantes riquezas.

Nesse movimento de compreensão das representações de mulheres idosas, percebemos que algumas encaram o envelhecimento como uma nova fase. Sant’Anna (1997, p. 100) diz que há mulheres que “vivenciam mais intensamente a terceira idade como uma nova etapa da vida”, como é o caso das duas senhoras que frequentam o coral e discutiam sobre sexualidade, pois apesar de o filme não versar sobre suas histórias individuais de vida, a representação proposta pelas imagens é de felicidade, bem-estar consigo, com seu corpo e sua idade. Goldenberg (2012, p.78) diz que elas redescobrem prazeres e vocações na velhice que foram deixadas de lado em função do casamento e da maternidade, mas que são retomadas quando os filhos estão mais velhos. De algum modo, o envelhecer é a libertação de uma vida dedicada à família, podendo enfim preocupar-se consigo mesma (GOLDENBERG, 2013, p. 51).

Nesse sentido, acreditamos que discutir o envelhecimento feminino nas aulas de Ciências e Biologia torna-se necessário, uma vez que observamos que algumas mídias trazem representações que nos induzem a acreditar em um papel feminino pré-estipulado socialmente, em que o corpo não pode envelhecer e a família é ponto principal de sua vida. Com isso, é plausível discutir e (re)pensar o papel da mulher na sociedade, a partir da compreensão do processo de envelhecimento e da quebra de tabus, como os relativos à sexualidade feminina, ao corpo envelhecido, ao padrão de beleza do corpo jovem, magro e sexy, compreendendo o envelhecer como um processo histórico e cultural da sociedade.

## 8 DISCUSSÕES FINAIS

As representações de envelhecimento apresentadas pelo filme “Uma Canção para Marion” (EUA, 2014) nortearam o delineamento desse trabalho. A partir disso, fomos convidados a refletir sobre as visões de envelhecer que são apresentadas pelas mídias e, dessa forma, buscar compreender e (re)pensar essa fase, uma vez que esse é um processo natural, cultural, social e para todos, e que se encontra esquecido no currículo escolar. Assim, acreditando no potencial dos filmes como uma ferramenta que possibilita trabalhar temas delicados como o envelhecer, a solidão, a morte, questões de gênero e sexualidade, esse trabalho apresentou as potencialidades das mídias comerciais para o trabalho em sala de aula.

Ao propormos as categorias: “As múltiplas faces do envelhecimento: solidão, perdas e descobertas” e “Questões de Gênero: Representação da Mulher Idosa no Filme”, observamos que as cenas desse filme nos permitiram transitar por vários questionamentos: sobre o que é e significa envelhecer nos dias atuais, como a mulher idosa é vista pela sociedade, como a sexualidade está presente no dia a dia dos idosos, mas também como a morte e a solidão afetam a vida dos idosos. Compreender os processos biológicos do envelhecer é importante, assim como entender o envelhecimento como algo cultural, social e psicológico, abandonando a ideia de incapacidade e solidão, doença, tristeza, que são reforçadas pela mídia, e acreditando nas possibilidades e descobrimentos dessa nova etapa da vida e viver velhice.

Apropriando-se do cinema como uma ferramenta de ensino para aulas de Ciências e Biologia, o professor também está possibilitando uma maneira diferente de produzir conhecimento com os alunos na sala de aula. Mas é importante ressaltarmos que o sucesso da aula requer muito do professor e do seu planejamento, assistindo ao filme anteriormente, refletindo sobre as representações, desenvolvendo questionamentos e produzindo um roteiro que contenha a ficha técnica e a sinopse do filme.

O filme “Canção para Marion” é imprescindível para pensar e refletir o envelhecimento, pois as representações apresentadas pelo filme permitiram, de forma sensível, compreender o universo do envelhecer, as perdas, a solidão e os sentimentos envolvidos nessa fase. Caminhando entre o drama e a comédia de forma sutil, a

mediática mostra potencial para discussões significativas na sala de aula e permite a desconstrução de estereótipos relacionados à velhice.

## 9 REFERÊNCIAS

- ARRAES A.K., VIANA T.C. **Afeto e dor**: faces do luto na obra freudiana. Rede dos estados gerais da Psicanálise. 2007. Disponível em: <[http://www.estadosgerais.org/encontro/afeto\\_e\\_dor.shtml](http://www.estadosgerais.org/encontro/afeto_e_dor.shtml)> Acesso em: 12 nov. 2016
- AUMONT, J. **A estética do filme**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- BARCA, L.: As múltiplas imagens do cientista no cinema. **Comunicação & educação**, Ano X, n. 1, p. 31- 39, jan/abr 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BLESSMANN, E.J. Corporeidade e Envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento Humano**, Porto Alegre, 6, p. 21-39. 2004.
- BRASIL. **Plano de ação internacional para o envelhecimento**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.
- CAMARANO, A. A.. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança?. **Estudos avançados**, São Paulo, Instituto de Estudos Avançados – USP, n. 49, p. 35-64, 2003.
- COSTA, F.C. **Primeiro cinema**: história do cinema mundial. Campinas, SP: Papyrus, 2006.
- DENVIR, B. **O fovismo e o expressionismo**. Barcelona: Labor, 1977
- FERNANDES, F.; LUFT, C. P.; GUIMARÃES, F. M. **Dicionário Brasileiro Globo**. 53. ed. São Paulo: Globo, 2000.
- GOLDENBERG, M. e RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GOLDENBERG, M. **O Corpo como Capital**: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira, 09-30. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- \_\_\_\_\_. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 78-85, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- GOLDFARB, L. C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- LIPOVETISKY, G. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- LITVOC, J.; BRITO, F. C. **Envelhecimento**: prevenção e promoção da saúde. São Paulo: Atheneu, 2004.

LODOVICI, F.M.M. O idoso e o discurso fílmico tabagista: efeitos de sentido de uma tal aproximação. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 9, p. 87-112, 2006.

MENDONÇA, M. L. M. ; SENTA, C.R.M.D . A representação do feminino no cinema brasileiro contemporâneo: um novo olhar sobre a velhice e o envelhecimento em chega de saudade. **Razón y Palabra**, v. 78, p. 1-16, 2011.

MENDONÇA, M. L. M.. Imagem de mulher: representação do envelhecimento na mídia brasileira. **Comunicação e Sociedade**, v. 21, p. 67-78, 2012.

MESQUITA, N. A. da S.; SOARES, M. H. F. B. Visões de Ciência em Desenhos Animados: uma alternativa para o debate sobre a construção do conhecimento científico em sala de aula. **Ciência & educação**, v. 14, n. 3, p. 417-29, 2008.

MORAN, J. **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.

NERY, B. K. ; MALDANER, O. A. . **Formação de professores: compreensões em novos programas e ações**. v. 1, 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2014. 248p.

NETO, E. A.; CUNHA, G. L. Teorias biológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 1 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 13 -19.

OLIVEIRA, B. J. Cinema e imaginário científico. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, v. 13 (suplemento), p. 133-50, out. 2006.

PAPALÉO, N. M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2002.

PINHEIRO, J. G. Sobre alguns conceitos e características de velhice e terceira idade: uma abordagem sociológica. **Revista Linhas**, v.6, n.1, p. 1-14, 2005.

SANT'ANNA, M. J. G. UnATI, a velhice que se aprende na escola: um perfil de seus usuários. In: R. Veras (org.) **Terceira idade: desafios para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997, p. 75-102.

SANTOS, E. G.; ARAUJO, M. C. P.. **A velhice no século XXI e o cinema: relações com o Ensino de Biologia**. 2016. No prelo.

SANTOS, E. G; SCHEID, N. M. J. **A História da Ciência no Cinema: contribuições para a problematização da concepção de natureza da ciência**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2014.

SCHEID, N. M. J.; FERRARI, N.; DELIZOICOV, D.. A construção coletiva do conhecimento científico sobre a estrutura do DNA. **Ciência e Educação**, São Paulo, v.11, n.2, p.223-233, 2005.

SIBILIA, P. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, M. **Corpo Envelhecimento e Felicidade**, Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 2011. p. 83-101.

TÓTORA, S. M. C. **Corpo, cuidado de si e envelhecimento**. In: Congreso da ALAS, 27, 2009, Buenos Aires. **Anais do XXVII Congreso da ALAS**. Buenos Aires: Ed. da Universidad de Buenos Aires, 2009. p. 01-14.

#### **FILMOGRAFIA**

Canção para Marion (*Song of Marion*). Direção: Paul Andrew Williams. Produção: Ken Marshal e Philip Moross. Steel Mill Pictures, 2014. 93 min, cor.